Diário de bordo

BRASIL X ESTADOS UNIDOS



Roberto Rodrigues*

EM 2013, o saldo comercial brasileiro foi de apenas US$ 2,56 bilhões, bem menos do que os US$ 19 bilhões de 2012. Embora as exportações tenham aumentado (US$ 242,2 bilhões), as importações cresceram mais (US$ 239,6 bilhões).

No entanto, mais uma vez, o saldo positivo do nosso agronegócio cresceu, atingindo US$ 82,91 bilhões (mais do que os US$ 79 bilhões do ano anterior). Exportamos US$ 99,97 bilhões e importamos US$ 17,06 bilhões.

E o complexo soja foi, de novo, campeão, respondendo por 31% das vendas externas do agro, seguido pelas carnes.

No entanto, o saldo das nossas exportações para os Estados Unidos caiu: em 2013, o saldo do agronegócio foi US$ 4,873 bilhões com aquele país, contra US$ 5,755 bilhões, em 2012 – uma queda de 15,31%.

Isso não é bom.

O rumoroso caso das escutas telefônicas feitas pelos arapongas norte-americanos nas conversas da presidente Dilma Rousseff segue fazendo estrago.

A presidente reagiu como tinha que fazer, mostrando sua procedente indignação diante desse inaceitável abuso de poder e violação de privacidade.

Talvez, tenha cometido um pequeno exagero ao exigir, além de explicações claras, um pedido de desculpas por parte do presidente dos Estados Unidos. Explicações, sim, são necessárias. Mas, custa crer que o outro ponto seja plausível.

Seja como for, as relações entre os dois países sofreram um forte abalo num momento em que vinham evoluindo positivamente.

Uma pena. E, agora, é preciso reconstruir estas relações. Não podemos dar-nos ao luxo de nos afastarmos dos Estados Unidos, inclusive comercialmente.

Para essa retomada, parece lógico que os norte-americanos deveriam fazer alguns gestos em favor do Brasil, que justifiquem um certo congelamento do assunto 'espionagem'. É claro que continuamos credores de explicações, esperando que nos sejam oferecidas, mas não podemos ficar apegados ao incidente para sempre.

Infelizmente, porém, o tal gesto não parece visível. Ao contrário, o lamentável episódio da suspensão dos pagamentos compensatórios – que a cotonicultura brasileira recebia dos produtores norte-americanos em troca dos subsídios que estes ganham do governo de seu país – mostra que nem mesmo cumprir os compromissos, pagar uma dívida, os americanos aceitam fazer. Adotando posição inflexível, estão levando-nos à única saída possível: retaliação comercial, apontada pela própria OMC.

E esta saída não é, evidentemente, nada positiva para melhorar as erodidas relações e só servirá para ampliar o fosso: deverá vir de lá também outro tipo de retaliação, com resultados pouco favoráveis para ambos os países.

A própria Farm Bill, recém-sancionada em Washington, piora o ambiente, visto que prevê gastos com proteção à agropecuária americana de 1 trilhão de dólares em dez anos!

Podíamos muito bem, ao contrário, trabalhar juntos, de forma trilateral, em outros países. O Brasil entraria com sua tecnologia agrícola tropical e os americanos com dinheiro, para, juntos, desenvolvemos a África rural. Seria um benefício para toda a humanidade, e, juntos, faríamos um belo papel em favor da segurança alimentar, resgatando boa parte do prestígio global perdido pelos Estados Unidos.

Isso sem falar nas eventuais ameaças que o gás de xisto pode produzir em nosso agro, especialmente na matriz energética. Podíamos estudar esse tema também em conjunto.

Em suma, abrir o mercado americano para carne bovina *in natura*, resolver o problema do algodão e trabalhar juntos na África, no xisto e na agroenergia são caminhos para melhorar as relações entre Brasil e Estados Unidos.

Mercados assim não podem ser desprezados. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador especial da FAO para as Cooperativas e presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)